

JARDINS

Criador do moderno paisagismo brasileiro, Burle Marx é tema de exposição na Casa do Baile. Trabalho em Belo Horizonte está na origem da revolução realizada pelo artista

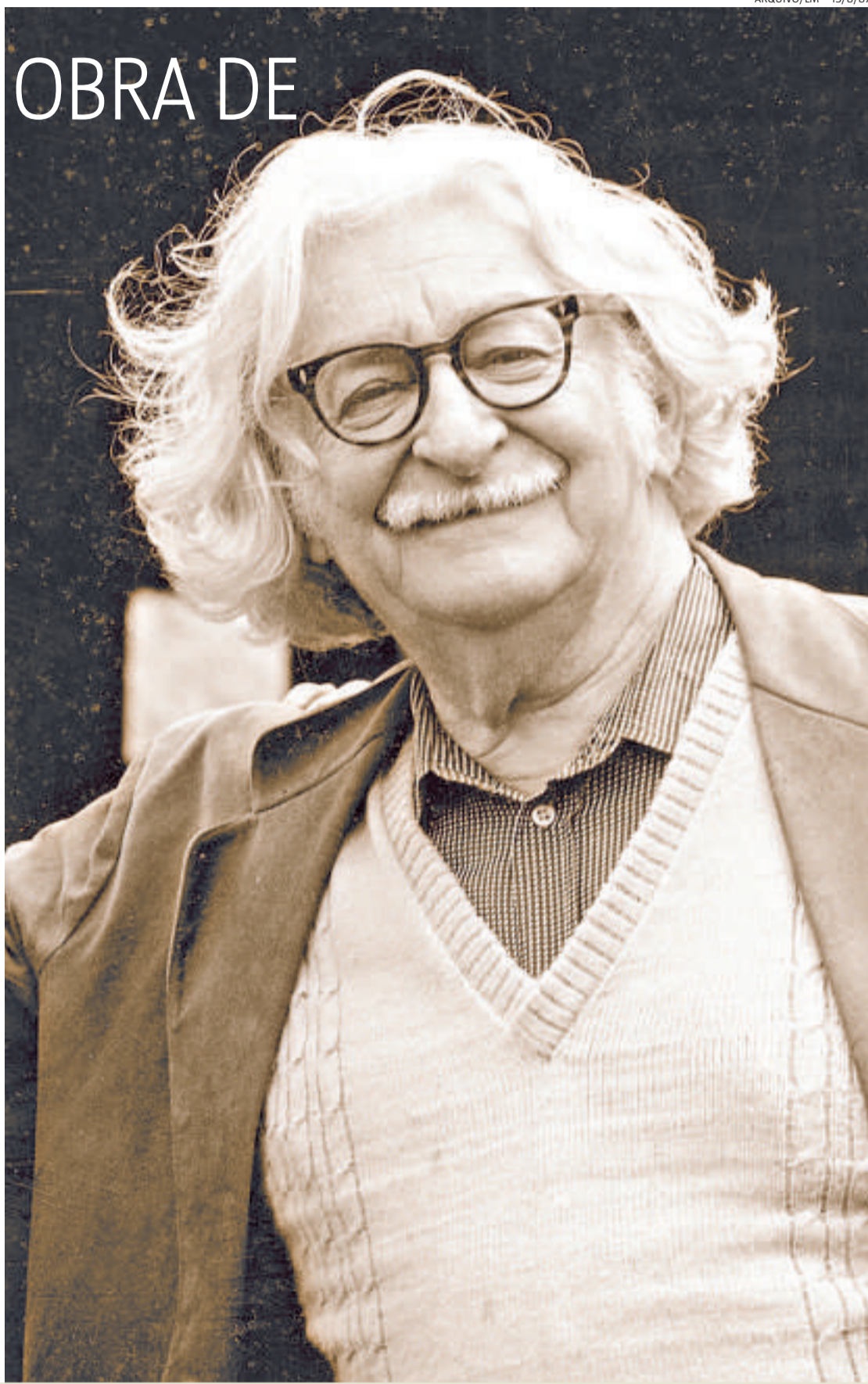
NATUREZA COMO OBRA DE ARTE

WALTER SEBASTIÃO

“O jardim moderno nasceu no Brasil, em Minas Gerais e com Roberto Burle Marx”, afirma o arquiteto e urbanista Ricardo Lana. Como explica o pesquisador, o artista até já tinha algumas realizações quando chegou à capital mineira, nos anos 1940. Mas foi em Minas, e com em colaboração fundamental do botânico Henrique Lahmeyer de Mello Barreto, que Burle Marx teve grandes espaços para desenvolver suas idéias. Basicamente, jardins de formas curvas, com vegetação nativa - inclusive plantas aquáticas -, criando manchas verdes, valorizando contraste de cores, texturas, volumes, flores.

Arquitetos da paisagem: os jardins de Burle Marx e Henrique Lahmeyer de Mello Barreto em Belo Horizonte, Cataguases e Araxá, é o nome da mostra que vai ser aberta hoje, às 21h, na Casa do Baile. Traz projetos de autor considerado internacionalmente como o mais importante paisagista do século 20. Apresenta, inclusive, 12 projetos imaginados para a orla da Pampulha, dos quais conhece-se, hoje, apenas cinco: o da Casa do Baile, da igreja São Francisco, do Iate Clube, do Museu de Arte da Pampulha e da residência de Juscelino Kubitschek. Os outros não saíram da

planta e alguns forma destruídos. “Nossos jardins, até os anos 1940, seguiam modelo europeu, que tem vegetação mais domada, usando as plantas para criar formas geométricas ou escultóricas, como na Praça Raul Soares. Burle Marx desconstruiu essa configuração, criando espaços mais dinâmicos, que procuram reconstituir os ambientes naturais”, explica Ricardo Lana. É, avisa o curador, exposição que mostra um período rico do modernismo, quando a arquitetura esteve muito relacionada ao paisagismo, ao design e às artes, surgindo daí referências que, até hoje, são usadas pela construção de qualidade.



ARQUIVO/EM - 15/8/87

MANUTENÇÃO

Sobre a situação dos jardins de Burle Marx, em Belo Horizonte, Ricardo Lana, explica que eles “têm manutenção, mas sem o padrão ideal diante da importância - inclusive histórica - deles”. Tradução, observa, de problema nacional: falta de cultura que gera incompreensão com a importância dos jardins. “Eles ficam abandonados e acabam desaparecendo. Precisamos de sensibilizar as pessoas para um olhar mais amplo sobre a cidade, para respeitar os jardins. Eles amenizam a vida cotidiana e não se pode ficar indiferente a eles”, defende. É otimista quanto à mudança da situação. Somando esforço de muitos, conseguiu-se recuperar o jardim da Casa do Baile.

Sobre Henrique Lahmeyer de Mello Barreto, o pesquisador explica que é um botânico carioca, que, por problemas de saúde, veio morar em Belo Horizonte. E torna-se um grande estudioso da vegetação das serras de Minas Gerais. Em 1937, cria o Jardim Botânico de Belo Horizonte, na mata da Baleia, que, abandonado, acaba desaparecendo. Volta então para o Rio de Janeiro e se torna não só consultor de várias instituições internacionais como diretor do Jardim Zoológico da cidade.

ARQUITETOS DA PAISAGEM

Os jardins de Burle Marx e Henrique Lahmeyer de Mello Barreto em Belo Horizonte, Cataguases e Araxá. Casa do Baile, Av. Otávio Negrão de Lima, 751, Pampulha, (31) 3277-7443. Terça a domingo, de 9h às 19h. Até 30 de setembro. Entrada franca.

Roberto Burle Marx rompeu com o modelo europeu, criando novas formas, com uso de plantas tropicais

PINTURA

Poesia das imagens

IRENA DOS ANJOS/DIVULGAÇÃO

Quem mostra seus trabalhos a partir de hoje na Quadrum Galeria de Arte é o mineiro João Maciel. Um jovem artista, de 27 anos, que depois de mostrar seus trabalhos em espaços alternativos, nos últimos anos, anda cortejado por várias galerias de Belo Horizonte. Ele trabalha com desenho, escultura e pinturas. Todas marcadas por visualidade que, mesclando as mais diversas referências, compõem discurso delirante e poético sobre a vida contemporânea. No centro de tudo, segundo o autor, está fórmula algo misteriosa: magia + biologia + tecnologia. Alguma coisa como confronto entre fantasia, corpo e máquina.

João Maciel está mostrando 16 pinturas realizadas nos últimos três anos, que somando elementos opostos (massa e linha, o verbal e não-verbal, roupa e nudez) quer produzir diferentes percepções e dar sentido as coisas. “É registro tanto jornalístico e histórico quanto mitológico de relações humanas em universo cuja linguagem e adereços mistura o presente, o passado e o futuro”, conta o artista com linguagem lacônica, que é muito dele. São personagens ou cenas que, num registro dramático, aludem “às máscaras criadas pelas pessoas a cada momento e que revelam esquizofrenia natural do ser humano”. Não é crítica social: “a vida é assim”, garante o artista.

Sobre as fontes de sua linguagem, João Maciel cita o desenho animado, filmes de televisão, o universo da arte, robótica, temas históricos, símbolos indígenas e afro-brasileiros, situações do cotidiano e universos fantásticos. Matéria eleita



João Maciel mescla elementos de diferentes inspirações visuais

por motivos plásticos, sugestão de movimento e sedução pela ficção científica etc. “Quero entender onde estamos e entender a nossa origem. Crio uma história e ao mesmo tempo comento a construção dela”, observa. “É a visão do mameluco, daquele que não conseguiu dar a sua versão da história ou que

tem uma versão tão embaraçada que, às vezes, sinto a necessidade de traduzir tudo em desenhos”, conclui. (WS)

JOÃO MACIEL

Abertura de mostra de pinturas, hoje, às 19h, na Quadrum Galeria de Arte, Av. Prudente de Moraes, 78, Cidade Jardim, (31) 3296.48.66. Segunda a sexta-feira das 12h às 19h. Até 6 de setembro.

ARTES VISUAIS

Liquidificador digital

SÉRGIO RODRIGO REIS

O trabalho do artista digital Flávio Albino resulta em imagens que muito lembram a fotografia convencional. As semelhanças param por aí. Na construção de cenas obscuras e sinistras que nascem da sua reflexão mais íntima, o artista carioca primeiro cria cenários, depois pede a amigos que os fotografem. Com auxílio de computador e de repertório de outras imagens e texturas, as retrabalha compondo novos registros que guardam poucas lembranças das fotos originais. “Tudo é uma grande mistura. Pego as bases e começo a trabalhar em cima. Não me considero fotógrafo, uso a técnica como meio de produção de imagens”, explica ele, que vive profissionalmente de publicidade. Dentro do projeto Foto em Pauta, hoje, às 19h, no Museu Histórico Abílio Barreto, ele conversa com o público sobre as curiosidades por trás de seu trabalho criativo.

Sócio no Rio de Janeiro de um estúdio que produz trabalhos para publicidade, Albino desenvolve pesquisa fotográfica nas horas vagas. “É quando saio da prisão do layout da publicidade e extravaso meu subconsciente.” As imagens sombrias que nascem do processo, segundo ele, surgem naturalmente e vêm influenciadas por lembranças remotas. “Sempre curti rock e idolatrei as capas de disco heavy metal.” O lado obscuro e a manipulação se tornaram marca registrada deste trabalho. “Como o processo nunca acaba e não tenho prazo determinado para a criação, chega um momento em que coloco ponto final e não mexo mais”, afirma.



FLÁVIO ALBINO/DIVULGAÇÃO

Head, trabalho de Flávio Albino com a marca dos cenários sinistros

ARTE E TÉCNICA

O Foto em Pauta homenageia nesta edição o Dia da Fotografia. Comemorado em 19 de agosto, a data lembra o dia em que o processo fotográfico desenvolvido por Louis Jacques Mandé Daguerre (1787 - 1851) e Joseph Nicéphore Niépce (1765 - 1833) foi apresentado, em 1839, na Academia de Ciências da França.

Antes de iniciar a conversa com o público mineiro, Flávio Albino exibirá série de produções recentes em que evidencia sua linguagem digital. Em seguida, apresentará os bastidores da construção das imagens e falará de forma mais detalhada sobre a técnica. “Pego fotos, imagens 3D e uso computador, sou como um liquidificador digital.” Em parceria com Leonardo Vilela, sócio no estúdio de fotografia publicitária Platinum, desenvolveu técnica para combinar foto tradi-

cional, com a manipulação e o recurso gráfico do CGI (computer graphics illustration). Várias das criações da dupla receberam premiações internacionais, como no Festival de Cannes e no London Festival.

FOTO EM PAUTA

O artista digital Flávio Albino mostra sua obra através de projeções e conversa com o público, hoje, às 19h, no Museu Histórico Abílio Barreto, Avenida Prudente de Moraes, 202, Cidade Jardim. Entrada franca, com vagas são limitadas. Informações: www.fotoempauta.com.br